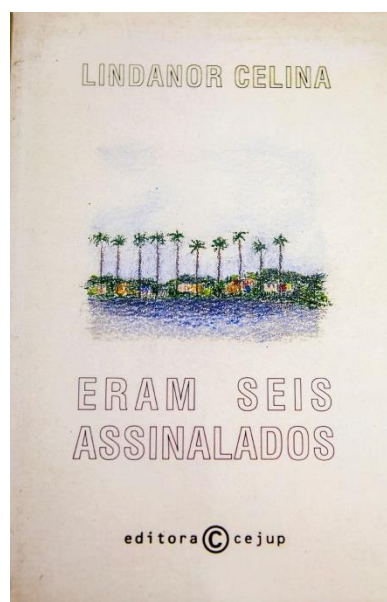


REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA



PREFÁCIO¹

Traços da Ficção de Lindanor Celina

Lindanor Celina conta com larga experiência na arte da narrativa. Sua obra apresenta notável coesão, na medida em que reflete no romance, por homologia, o conflitivo ambiente do seu Estado natal, o Pará.

A literatura da Amazônia compreende uma história de nossa evolução ficcional.

¹ **Eram seis assinalados** – Belém: Cejup, 1994

A interação homem-natureza ali é de tal forma exuberante que os escritores não escapam do estigma de retratar os conflitos humanos perante o mistério das condições ambientais, sempre determinantes.

E mais: se o espaço geográfico é mais rígido às motivações volitivas das personagens, mais inflexível se mostra a estrutura social que a herança histórica impôs à região.

O patrimonialismo fundiário deitou raízes tão profundas na Amazônia que a conduta humana ali se rege por estilos comportamentais que reproduzem e aprofundam o poder dominante.

Deste modo, poderosa rede de intrigas se distribui nas organizações sociais mais elementares, de tal modo que os menores gestos de convivência resultam em controle estreito e fatal. Cada ator do drama cotidiano acaba escravizado aos parceiros e, ao mesmo tempo, fiscal e algoz dos demais.

Lindanor Celina há muito vem desenvolvendo sua força narrativa na análise das relações amesquinhas pela predestinação social.

Mesmo a sua ficção de caráter urbano não perde o aspecto de investigação sobre a herança cultural que condiciona a conduta das personagens.

O envolvimento dos processos educacionais, legais, administrativos e religiosos realiza a armadilha que aprisiona as personagens ansiosas de liberdade.

O tema de *Eram Seis Assinalados* não passa de um discurso sobre a liberdade.

A personagem central, a jovem Irene, não deixa de ser instrumento de determinismo psicossocial reinante em Itaiara.

Como entidade forte, caracterizada por uma auréola de beleza, competência e aptidão para os grades feitos humanos, Irene traz consigo a marca do herói problemático e, ao mesmo tempo, o sinal de quem deve suportar a fúria do destino.

Sobre ela se abatem as forças mais terríveis do poder conservador. O primeiro deslize valeu-lhe um vendaval de infortúnios.

É a história desta figura de exceção que constitui esta narrativa, a terceira de uma trilogia que Lindanor Celina vem arquitetando.

Assim, na primeira, *Menina que vem de Itaiara*, desponta a meninice de Irene, a visão do seu pequeno mundo, o ingresso no Colégio Santo Amaro, em Belém, seus primeiros anos na cidade natal.

A segunda, *Estradas do Tempo Foi*, obra premiada, se cogita de Irene no internato, mundo diverso do seu.

Por fim, *Eram Seis Assinalados*. O leitor haverá de entender o ritmo lento da narrativa, a viscosidade com que se apresenta, numa técnica próxima de *nouveau roman*, ao dar passagem aos solilóquios e alocações imaginárias das personagens envolvidas. São razões diretoras das decisões, sua justificativa em nível do consciente. Rígida é a crosta do superego.

Toda essa coletânea de manifestações não passa de urdidura da pavorosa rede de racionalidades que torna imutável o poder estabelecido. O diz-que-diz, a fofoca, os conselhos, o império do senso comum, as restrições moralísticas, as minuciosidades intercomunicantes, tudo está a serviço do mesmo produto: o controle social.

A jovem Irene, idealista, generosa, despolitizada cai fácil no fundo da rede inexorável. Aí está a arte de Lindanor Celina.

O leitor haverá de deliciar-se com os coloquialismos tão bem utilizados pela romancista. E se encantará com imagens, símiles e metáforas que povoam a narrativa, de grande referencialidade regional.

Há momentos de alto lirismo nesta história dramática. Veja-se a qualidade da prosa de Lindanor Celina: “*No começo da rua aquele moço, rapaz de andar mais que vistoso, vaidoso será? Veio vindo quem nem um astro, não que fosse alto, nem espadaúdo, nem louro, mas os dentes dele relampeavam, como se tivessem a boca cheia de cravos brancos, e o andar, a modo que dançava, se o Sol dançasse. Seria um dançador, o mestre-escola? Nem nunca. Logo ele*”

E ainda: colhem-se do romance trechos preciosos de análise psicológica e, mesmo, investigação social. Quando o bispo, europeu de origem, adventício, expõe suas razões íntimas, não deixa de marcar a diferença de culturas. E refere-se à gente

brasileira de um mundo sintético e preciso: “*Os brasileiros são ótimos, mas desconfie da primeira impressão. Aquilo é fogo-de-palha, tudo vira Carnaval, quando se pensa poder contar com alguém a sério, cadê? Mais nenhum. Do fácil entusiasmo, a generosidade irrefletida que nem é virtude e, sim, consequência de um mundo de viver, uma alegria quase sem motivo, e o eterno jeito de resolverem o mais intrincado problema em passe de mágica*”.

Bastante rico este romance de Lindanor Celina. Traz, mais uma vez, uma contribuição valiosa à literatura regional da Amazônia. Os valores sociais se distribuem nos dizeres dialogados ou monologados das personagens.

Na verdade, *Eram Seis Assinalados* relata o drama de uma queda. O microcosmo familiar gira em torno de Irene. Ao todo, seis pessoas. A seguir, entremostra os caminhos da redenção. O rendilhado da prosa de Lindanor Celina adiciona ao relato o poder da consciência verbal de sua região. É ler para crer e admirar.

Fábio Lucas²

² Doutor em Economia e História das Doutrinas Econômicas (UFMG) Radicou-se em São Paulo em 1966; seis anos antes, havia se tornado membro da Academia Mineira de Letras. Integrante do Conselho da União Brasileira de Escritores de São Paulo, foi diretor do Instituto Nacional do Livro (1985-1986). É apontado como um dos mais importantes críticos literários do Brasil, ao lado de Wilson Martins e Antônio Candido. Desde 1997, é membro da Academia Paulista de Letras. Recebeu os prêmios Jabuti, Juca Pato e Conrado Wessel. Pela Global Editora tem publicada a seguinte obra: *A mais bela História do mundo*. Como colaborador, selecionou e prefaciou as seguintes obras: *Melhores contos Marcos Rey*, *Melhores poemas Henriqueta Lisboa* e *Antologia de contos da UBE*.